

CIDADES SUSTENTÁVEIS E TECNOLOGIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O FILME “PEQUENA GRANDE VIDA”

Dominique Borges Queiroz Julio¹, Cássia Maria de Assis Rangel Melo¹ & Sergio Rafael Cortes de Oliveira^{2}*

RESUMO

JULIO, D. B. Q.; MELO, C. M. A. R.; OLIVEIRA, S. R. C. Cidades Sustentáveis e Tecnologia: Uma análise crítica sobre o filme “Pequena Grande Vida”. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.11, n.34, p. 23-38, 2021.

O presente artigo apresenta uma análise de conteúdo do filme “Pequena Grande Vida”. Sua narrativa tem como base a apresentação de uma solução para o problema da superpopulação no planeta através da miniaturização do ser humano. Conjugando elementos de comédia e drama, a obra cinematográfica trata com criticidade os efeitos catastróficos de uma iminente crise alimentar e hídrica e as consequências do aquecimento global. Assim, este trabalho debruçou sobre a apresentação de um diálogo entre a arte fílmica e a realidade, constatando que, de um lado, a comunidade miniaturizada trouxe soluções para o alcance do

desenvolvimento sustentável enquanto, por outro lado, replicou muitas práticas nefastas, tais como, a eterna luta de classes e as segregações socioespaciais. Desta forma, buscou-se relacionar fatos apresentados no filme com levantamento bibliográfico confluyente com ações que apresentem soluções ao desenvolvimento sustentável do planeta, a questão da segregação e das políticas públicas, além de discutir acerca de um caminho para a redução de desperdício no planeta, partilhando a ideia de que menos é mais, com a adoção de um estilo de vida minimalista.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável; Tecnologia; Segregação; Minimalismo.

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF – *campus* Campos Centro, Pós-graduação *lato sensu* em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias – Rua Dr. Siqueira, 273 – Parque Dom Bosco, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28030-130, Brasil.

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF – *campus* Campos Centro, Pós-graduação *lato sensu* em Arquitetura da Cidade: suas demandas e tecnologias e Mestrado Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias – Rua Dr. Siqueira, 273 – Parque Dom Bosco, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28030-130, Brasil.

(*e-mail: sergio.oliveira@iff.edu.br

Data de recebimento: 05/11/2021 Aceito para publicação: 02/12/2021 Data de publicação: 20/12/2021

SUSTAINABLE CITIES AND TECHNOLOGY: A CRITICAL ANALYSIS ON THE SMALL BIG LIFE MOVIE

Dominique Borges Queiroz Julio¹, Cássia Maria de Assis Rangel Melo¹ & Sergio Rafael Cortes de Oliveira^{2}*

ABSTRACT

JULIO, D. B. Q.; MELO, C. M. A. R.; OLIVEIRA, S. R. C. Sustainable cities and technology: a critical analysis on the small big life movie. **Online Perspectives: Applied Human & Social**, v.11 , n.34 , p. 23-38, 2021.

This article presents a content analysis of the movie “Downsizing”. His narrative is based on the presentation of a solution to the problem of overpopulation on the planet through the miniaturization of human beings. Combining elements of comedy and drama, the cinematographic work critically deals with the catastrophic effects of an imminent food and water crisis and the consequences of global warming. Thus, this work focused on the presentation of a dialogue between film art and reality, noting that, on the one hand, the miniaturized community brought

solutions to achieve sustainable development while, on the other hand, it replicated many harmful practices, such as the eternal class struggle and socio-spatial segregation. In this way, we sought to relate facts presented in the film with a bibliographic survey confluent with actions that present solutions for the sustainable development of the planet, the issue of segregation and public policies, in addition to discussing a way to reduce waste on the planet, sharing the idea that less is more, with the adoption of a minimalist lifestyle.

Keywords: Sustainable development; Technology; Segregation; Minimalism.

¹Fluminense Federal Institute of Education, Science and Technology – IFF – Campos Centro campus, Lato sensu post-graduation in City Architecture: its demands and technologies – Rua Dr. Siqueira, 273 – Dom Bosco Park, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28030-130, Brazil.

²Fluminense Federal Institute of Education, Science and Technology – IFF – Campos Centro campus, Postgraduate lato sensu in City Architecture: its demands and technologies and Professional Master's Degree in Architecture, Urbanism and Technologies – Rua Dr. Siqueira, 273 – Parque Dom Bosco , Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28030-130, Brazil.

(*e-mail: sergio.oliveira@iff.edu.br

Receipt date: 05/11/2021 Accepted for publication: 02/12/2021 Date of publication: 20/12/2021

1. INTRODUÇÃO

O mundo se transforma de maneira acelerada. Hoje, a sociedade vivencia o que está sendo chamado por economistas de 4ª Revolução Industrial ou Revolução 4.0. Antes, três momentos históricos contribuíram para chegar até aqui. O primeiro momento foi o da máquina a vapor, que marcou a ruptura com a produção manual para a mecanizada; o segundo foi o da descoberta da eletricidade e a possibilidade de manufatura em massa; e o terceiro foi marcado pela eletrônica, pela tecnologia da informação e de telecomunicações. O quarto momento está sendo caracterizado por nanotecnologias, neurotecnologias, inteligência artificial, biotecnologia, sistemas de armazenamento de energia, drones e impressoras 3D. Há robôs integrados a sistemas ciberfísicos em uma era definida pela integração de tecnologias digitais, físicas e biológicas.

Não há dúvidas de que a sociedade experimenta um momento de total disrupção e que, a pandemia mundial, obrigou ao rompimento, em muitos aspectos, com a vida analógica e a aceleração da adoção de vários conceitos digitais no dia a dia. Educação, saúde, trabalho, entretenimento e serviços estão ao alcance de um clique, as relações humanas estão sendo transformadas, passando a basear-se em algoritmos, através de milhares de conexões realizadas todos os dias (SILVEIRA, 2021). Nesse contexto, vive-se em um mundo em permanente fluxo de dados, de informações, de conexões em rede, no entanto, todo esse avanço tecnológico não resolveu o problema do desperdício. No mundo há 7 bilhões de habitantes e cerca de 1 bilhão de pessoas da população passa fome. Segundo Santos, muito antes de se produzir bens para o consumo, é fabricado o consumo pelo bem; “a autonomia na produção cede lugar ao despotismo do consumo” (SANTOS, 2006, p. 48).

Desde os primórdios, o homem sempre buscou alternativas para a sua sobrevivência, e no mundo em rede, não é diferente. Diante do impacto de grandes eventos climáticos, de uma provável escassez de alimentos e de água potável, representantes dos 193 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) se reuniram em 2015 para discutir o futuro da humanidade e aprovaram um plano de ação para as pessoas e o planeta, por meio da Agenda 2030. A Agenda consiste em uma Declaração que reúne 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) integrados e indivisíveis, pautados: na erradicação da pobreza, na fome zero e agricultura sustentável, na saúde e bem-estar, na educação de qualidade, na igualdade de gênero, na água limpa e saneamento, na energia limpa e acessível, no crescimento econômico, na inovação em infraestrutura resiliente, na redução das desigualdades, nas cidades e comunidades sustentáveis, no consumo e na produção responsáveis, na ação contra a mudança global do clima, na vida na água, na vida terrestre, na justiça e instituições eficazes e nas parcerias e meios de implementação (ONU, 2016).

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise de conteúdo do filme “Pequena Grande Vida” (2017) estabelecendo interlocuções com algumas literaturas voltadas para o espaço urbano com base nos avanços tecnológicos e em políticas públicas, perseguindo-se o ideal do desenvolvimento sustentável. Em que pese ser uma obra de ficção científica, traz uma temática atual e urgente, que permite aproximações a uma realidade negligenciada por muitos: a problemática da superpopulação como uma catástrofe, especialmente por eventos climáticos extremos e a iminência de uma crise alimentar e hídrica sem precedentes no planeta. Buscou-se, desse modo, mergulhar na proposta apresentada pelo filme, que desperta para essa perspectiva de mundo. Ao alterar a escala humana, reduzindo-a, vislumbra-se uma realidade ficta e, como “pequenos”, promove-se a capacidade dos humanos de diminuir os

gastos dos recursos disponíveis. No filme fica evidente como a tecnologia e a inovação são capazes de trazer soluções e mitigar os danos já causados ao ecossistema.

Na primeira parte do artigo busca-se confrontar realidade e ficção, traçando um paralelo do filme com os ODS da Agenda 2030. Na segunda parte, aspectos sociais e políticos também são discutidos; o mundo dos “pequenos” revela uma cruel realidade que se perpetua: a divisão de classes e a segregação social. O direito à cidade continua a pertencer a uma parte da população, enquanto a outra simplesmente assiste a tudo isso, excluída do básico, num infinito círculo vicioso. E, por último, lança-se uma proposta que tange a adoção do “minimalismo” como um estilo de vida capaz de promover a seus adeptos, o consumo consciente e atento ao desenvolvimento sustentável das cidades.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa é caracterizada quanto ao objetivo como exploratória, com abordagem metodológica qualitativa (GIL, 2019). Nela, realiza-se uma análise de conteúdo do filme “Pequena Grande Vida” que, segundo Penafria (2009), implica na identificação do tema, na elaboração do resumo da história e na decomposição do filme levando em conta sua temática. Ainda como procedimento de pesquisa e em diálogo com a análise de conteúdo do filme (PENAFRIA, 2009), fez-se um levantamento bibliográfico a partir de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros e artigos científicos, com foco voltado para o desenvolvimento sustentável e para as políticas públicas. Procedimento metodológico similar ao adotado nesta pesquisa foi utilizado por Gomes *et al.* (2020), no qual, para as cenas do filme em que foram percebidas conexões com as teorias da literatura, foi dado destaque neste texto, concomitante com as abordagens dessas teorias, ressaltando as confluências entre a obra cinematográfica e a bibliografia apresentada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Contexto da obra "Pequena Grande Vida"

O filme *Downsizing*, traduzido como “Pequena Grande Vida”, lançado em 2017, é de direção de Alexander Payne e tem como pano de fundo a abordagem sobre alguns dos principais problemas mundiais: crise ambiental, superpopulação e escassez de recursos. Diante do crescimento populacional e dos efeitos climáticos sobre o globo terrestre, a solução apresentada no filme é a alteração da escala humana em relação ao seu habitat natural através da redução celular permanente e irreversível. O experimento é revelado à comunidade científica de forma inusitada, pois o próprio cientista em tamanho reduzido conduz a apresentação. A princípio, a experiência foi vivida por 36 voluntários que formaram a primeira comunidade autossustentável dos “pequenos” (Figura 1). Em quatro anos de vida comunitária, todos os dejetos não biodegradáveis produzidos pelos voluntários couberam em apenas um saco de lixo.



Figura 1: Integrantes da primeira comunidade autossustentável dos “pequenos”. (Fonte: Imagem do filme “Pequena Grande Vida”).

No filme, os anos se passam e é mostrado o mundo dos “pequenos” já como uma realidade e a convivência natural deles com os outros seres humanos em escala natural. Neste momento, ganhou destaque o personagem principal, Paul Safrâneck, interpretado pelo ator Matt Damon, que diante de algumas frustrações da vida, resolveu, junto com sua esposa, Audrey Safrâneck, interpretada por Kristen Wiig, embarcar na oportunidade de ser reduzido. Não seria por menos, a “indústria dos pequenos”, a essa altura, já havia se tornado um empreendimento em exponencial ascensão, oferecendo inúmeras vantagens para aqueles que optassem pela miniaturização.

Um dos argumentos mais fortes era a possibilidade de levar uma vida extremamente confortável e sem preocupação com o trabalho, pois os recursos financeiros que as pessoas possuíam se tornavam vultosas quantias para o mundo dos “pequenos”. Na narrativa, o casal Safrâneck, ao ouvir a proposta, descobriu que o capital que tinha, com todas as despesas pagas, totalizava 152 mil dólares, equivalendo a 12,5 milhões (Figura 2) no mundo dos “pequenos” (chamado de “Lazerlândia”), valor suficiente para resolver os problemas que, até então, atormentavam a vida do casal, possibilitando a aquisição da tão sonhada casa (dificilmente conquistada na vida em escala natural) e vivendo o verdadeiro *american dream*.



Figura 2: Equivalência do patrimônio do casal Safrâneck. (Fonte: Imagem do filme “Pequena Grande Vida”).

Entretanto, a esposa de Paul Safrâneck abandonou o projeto antes de se miniaturizar e ele se viu sozinho no mundo dos “pequenos”. A partir daí, tem-se um desenrolar na narrativa, quando surge uma importante personagem, Ngoc Lan Tran, interpretada pela atriz Hong Chau, uma vietnamita fugitiva, que havia sido presa e miniaturizada contra a sua vontade por ser ativista ambiental e política. O encontro desses dois personagens conduz a trama para um

outro lado. A temática do encolhimento perde protagonismo e destacam-se as relações interpessoais, as relações com a comunidade em que estão inseridos e com o mundo em que vivem. Na fase final, diante de uma possibilidade concreta da eliminação da vida humana na Terra, a primeira colônia dos “pequenos” se lançou em outro projeto, formando uma nova colônia. Através da tecnologia de aproveitamento da energia geotérmica, proveniente do calor do interior do planeta, um grupo se abrigou em uma câmara subterrânea, como uma comunidade que sobreviveria ao meio ambiente colapsado e destruído.

3.2. Realidade *versus* Ficção: Agenda 2030

O filme direciona o olhar para a comunidade dos “pequenos” e a capacidade que eles tinham de desenvolver técnicas para a construção de uma cidade autossustentável. Neste ponto é apresentada uma solução irreverente, que propõe a diminuição de toda a humanidade combinando com um estilo de vida que preserva o meio ambiente. Mas, distanciando-se da ficção, o que de fato é possível apreender com o modelo de vida apresentado? Primeiramente, é preciso reconhecer que um erro da humanidade foi negar aquilo que, aparentemente, seria óbvio: o uso dos recursos disponíveis sem o controle e a preservação, culminariam em um desgaste de tal vulto, que a sociedade não teria capacidade de recuperar os ecossistemas e, com isso, toda a vida na Terra estaria em risco, fato que foi apontado por (GIDDENS, 2005):

O mundo em que nos encontramos hoje, no entanto, não se parece muito com o que eles previram. Em vez de estar cada vez mais sob nosso comando, parece um mundo em descontrole. Além disso, algumas das influências que, supunha-se antes, iriam tornar a vida mais segura e previsível para nós, entre elas o progresso da ciência e da tecnologia, tiveram muitas vezes o efeito totalmente oposto. A mudança do clima global e os riscos que o acompanham, por exemplo, resultam provavelmente de nossa intervenção no ambiente. (GIDDENS, 2005, p. 14)

Desta forma, em meio à desordem, de um lado tem-se os grandes *players* do mercado, nos países desenvolvidos, que fazem girar a economia à maneira deles, e de outro lado, uma grande massa da população que se multiplica e consome cada vez mais, sem preocupação alguma com o futuro de outras gerações. Nesse contexto, somente uma parcela ínfima reconhece que os recursos disponíveis são finitos e que lutam por esta causa. Segundo Casagrande Júnior (s.d., n.p.):

O incentivo a super-produção desvinculada de uma melhor distribuição de renda leva o incentivo ao super-consumo e a crença de ser a única saída às crises econômicas. Este modelo não contabiliza os custos sociais e ambientais da produção barata dos chamados países periféricos que visa abastecer os países ricos.

O assunto é improrrogável e é preciso agir. De forma intencional, por meio da Agenda 2030, vislumbra-se a tomada de “medidas ousadas e transformadoras que se necessitam urgentemente para pôr o mundo em um caminho sustentável e resiliente” (ONU, 2016, p. 1), ainda nos próximos 10 anos. “É um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade” (ONU, 2016, p. 1). Na Agenda 2010, são previstos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que “são integrados e indivisíveis, e mesclam, de forma equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental” (ONU, 2016, p. 1). Esses ODS estão esquematizados na Figura 3.



Figura 3: Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). (Fonte: Pisco de Luz, s.d.).

Para fins de ilustração, são comentados adiante os Objetivos 11 e 12.

No Objetivo 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis, que visa tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis (ONU, 2016), são previstos temas que estejam:

relacionados à urbanização, como mobilidade, gestão de resíduos sólidos e saneamento, [...] bem como o planejamento e aumento de resiliência dos assentamentos humanos, levando em conta as necessidades diferenciadas das áreas rurais, periurbanas e urbanas. (PLATAFORMA AGENDA 2030, s.d., n.p.)

Dentre algumas metas do Objetivo 11 estão: o incentivo a construções sustentáveis e robustas, utilizando materiais locais, ratificando a ideia da bioconstrução; políticas voltadas à mitigação e adaptação à mudança do clima e a resiliência a desastres; a redução do impacto ambiental negativo per capita das cidades; o aumento da urbanização inclusiva e sustentável; a oferta de acesso a sistemas de transporte seguros, acessíveis, sustentáveis e com preço acessível para todos; a garantia do acesso de todos a habitação segura, adequada e a preço acessível, e aos serviços básicos e urbanização das favelas (PLATAFORMA AGENDA 2030, s.d., n.p.).

No Objetivo 12: Consumo e produção responsáveis (ONU, 2016), que visa assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis, a mudança nos padrões de consumo e produção é tomada como medida essencial para a redução da pegada ecológica sobre o meio ambiente. As metas relacionadas a esse objetivo visam à “promoção da eficiência do uso de recursos energéticos e naturais, da infraestrutura sustentável, do acesso a serviços básicos” (PLATAFORMA AGENDA 2030, s.d., n.p.). Esse objetivo tem como prioridade:

a informação, a gestão coordenada, a transparência e a responsabilização dos atores consumidores de recursos naturais como ferramentas chave para o alcance de padrões mais sustentáveis de produção e consumo. (PLATAFORMA AGENDA 2030, s.d., n.p.)

No filme são observadas as cidades limpas e organizadas, a reciclagem de todo lixo biodegradável, a utilização de carros elétricos e compartilhados, o uso de energias limpas e nenhum índice de criminalidade. De acordo com Rego *et al.* (2013, p. 548):

A cidade sustentável, de acordo com Mark Roseland (1997), é o tipo mais durável de assentamento que o ser humano é capaz de construir. É a cidade capaz de propiciar um padrão de vida aceitável sem causar profundos prejuízos ao ecossistema ou aos ciclos biogeoquímicos de que ela depende.

Como ilustração, sobre a questão dos resíduos, em 2010, a Lei federal nº 12.305 instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que foi de grande importância no tocante aos problemas ambientais e socioeconômicos provocados pelo manejo inadequado dos resíduos sólidos. Na Lei é destacada a logística reversa, um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada (BRASIL, 2010).

Sobre a questão energética, segundo Guy Perelmuter (2019, p. 220), “produzir energia e fazê-lo sem impactar o meio ambiente, tornou-se crítico para a própria sobrevivência da civilização”. Este autor, em seu livro intitulado “Futuro Presente – o mundo movido à Tecnologia” apresenta dados da *British Petroleum*, em que destaca que o petróleo, o carvão e o gás natural são fontes energéticas responsáveis por 85% do uso energético, enquanto as fontes renováveis como a solar, a eólica e a geotérmica totalizam apenas 3,6% (PERELMUTER, 2019).

Questões que hoje são pauta de uma Agenda de ação global são totalmente operáveis no modelo de cidade apresentado na obra cinematográfica. E se de um lado vive-se em um tempo de total ruptura tecnológica, por que ainda há preocupação com questões tão primárias para a vida em sociedade, como, por exemplo, o destino do lixo produzido?

Um alto preço é pago em prol do crescimento populacional, o mundo está “cheio”. A sociedade precisa reconhecer e colocar em prática o conceito de desenvolvimento sustentável das cidades, “capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro” (WWF BRASIL, s.d., n.p.). Entendendo o conceito de desenvolvimento sustentável, tem-se clareza de que no passado recente as grandes economias cresceram exponencialmente negligenciando a preservação de recursos para as gerações futuras. Este papel sempre ficou a cargo de movimentos isolados de alguns cientistas e ativistas ambientais que chamavam a atenção para a gravidade do assunto.

Deixando a ficção de lado, e reconhecendo-se a inviabilidade em diminuir de tamanho, sugere-se a reflexão sobre como é possível recuperar e preservar os recursos para as gerações futuras. Cumprir uma Agenda mundial é reconhecer cada indivíduo como parte de um todo, repensando o processo de urbanização produzido pelo homem que, em sua natureza exploratório-depredatória, deixou cicatrizes nos ecossistemas e já não se pode evitar as consequências no meio ambiente. Casagrande Júnior (s.d.) aborda sobre sustentabilidade socioambiental e o que isso representa para o ambiente:

A sustentabilidade sócio-ambiental ocorre quando ações sistêmicas são capazes de transformar modelos tecno-econômicos cartesianos em resoluções que promovam real qualidade de vida as atuais e futuras gerações, respeitando nossas diversidades culturais e potencializando nossas características regionais. Ambiente saudável é um direito de todos, assim como o acesso a renda, saúde, habitação, educação e lazer. (CASAGRANDE JÚNIOR, s.d., n.p.)

No filme, quando Paul Safrâneck chegou em sua nova casa na “Lazerlândia”, o morador que o levou disse: “Obrigado por salvar o planeta”. A singularidade desta frase remete ao papel de cada indivíduo na preservação do meio ambiente. Todos são cidadãos do mundo, agentes de uma totalidade. Mas, ainda não há consciência coletiva disso. Isso é perceptível na fala de uma personagem do filme: “Por que as pessoas estão preocupadas com o meio ambiente? Parece até que o mundo vai acabar!”. Seria a “arte imitando a vida”?

3.3. Pobre mundo dos “pequenos”

No filme, Paul Safrâneck vivia na “Lazerlândia” acreditando que todos experimentavam formas de vida confortáveis e usufruíam dos equipamentos urbanos disponíveis. No entanto, ao conhecer Ngoc Lan Tran, ele recebeu um convite para ir à sua casa para ajudar a uma amiga doente, por conta de sua formação em Terapia Ocupacional. Uma nova e dura realidade é apresentada. Durante o trajeto, todo imaginário de uma cidade perfeita vai sendo desconstruído. Transportes públicos lotados, pessoas que estampavam no rosto o cansaço e uma marcante presença de imigrantes. Nas figuras 4 e 5 é possível ver a transformação que sofre a paisagem da cidade, com “dois mundos” (o lado desenvolvido e o lado periférico) separados por um intransponível muro, que somente se interligam por um estreito e escuro túnel.

As figuras remetem a uma realidade bem presente nos centros urbanos, da segregação espacial, que é um movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano (ROLNIK, 2009). A cidade em seu lado desenvolvido representava o modelo ideal de uma cidade sustentável, embelezada com tecnologias avançadas, revelando preocupação com a qualidade de vida da população. A cidade periférica do filme ilustrava um ambiente rudimentar, com pessoas morando amontoadas em minúsculos cômodos num contêiner que foi adaptado para ser um “complexo residencial”. Um ambiente que depende de iluminação artificial, com pessoas doentes e sem assistência hospitalar básica. Há ainda comércios clandestinos, uma televisão central compartilhada com todos e o lazer para as crianças é no chão batido com papelões e tampas de garrafa improvisando brinquedos. A música de fundo no filme era latina e, mais uma vez, percebe-se um registro da presença de imigrantes.



Figura 4: Paisagem da cidade autossustentável em seu lado desenvolvido. (Fonte: Imagem do

filme “Pequena Grande Vida”).



Figura 5: Paisagem da cidade autossustentável em seu lado periférico. (Fonte: Imagem do filme “Pequena Grande Vida”).

A “Lazerlândia” já não era mais tão perfeita assim. O mundo marginalizado dos “pequenos” revela o retrato fiel de uma sociedade de excluídos. Uma realidade comum das periferias urbanas: miséria, doença e fome. O diretor da obra cinematográfica trouxe uma crítica social bem forte. Se de um lado, a promoção de uma cidade sustentável incentiva a como cuidar melhor das cidades, de outro lado, continua-se a ver um lugar de espaços vazios e, entre tantas ausências, pessoas sem direito à cidade. Faltam equipamentos urbanos, moradia, lazer, saúde e, sobretudo, o Estado. A vulnerabilidade e o sofrimento atingem especialmente os mais pobres, pois estão sempre numa posição frívola de subalternos. De acordo com Rolnik (2009, p. 42):

Além de um recorte de classe, raça ou faixa etária, a segregação também se expressa através da separação dos locais de trabalho em relação aos locais de moradia. A cena clássica cotidiana das grandes massas se deslocando nos transportes coletivos superlotados ou no trânsito engarrafado são a expressão mais acabada desta separação [...].

É o mesmo mundo, de uma perspectiva de seres humanos “pequeninos”, o que não torna o problema menor. A força humana de trabalho continuava sendo o motor que fazia girar essa política cruel e covarde dos grandes centros urbanos. Afastando-se da ficção, é sabido que a ausência de políticas públicas efetivas está associada aos espaços que ocupa. Segundo Silva (2009), o processo de segregação socioespacial está comumente relacionado à ligação do Estado com interesses econômicos de determinados grupos, deixando o interesse público em vulnerabilidade e o descaracterizando, o que reforça ainda mais o fato de ser oferecido um planejamento inadequado à população, em detrimento das vontades das classes dominantes.

A sustentabilidade das cidades passa especialmente por uma visão de perspectiva de futuro e de esperança, mas para a maioria dos segregados, esse direito lhe é tirado, pois a primeira opção é a luta “pelo pão de cada dia”. É uma forma de racismo ambiental, que é aquele cometido contra grupos vulneráveis, excluídos da realização de políticas públicas. Isso é uma realidade concreta e inaceitável, muito presente nos países subdesenvolvidos, que é fruto da forma como se construiu o processo de urbanização nas cidades, bastante afastado dos preceitos do desenvolvimento sustentável. Segundo Jacobi (2013, p. 220):

“A insustentabilidade” que caracteriza o padrão de urbanização metropolitana se caracteriza pela prevalência de um processo de expansão e ocupação dos espaços intra-urbanos que, na maior parte dos casos configura uma dramática realidade: baixa qualidade de vida a parcelas significativas da população. A dualidade das cidades é marcada pela concentração de pobreza e tem como expressão um espaço dual; de um lado a cidade formal, e de outro, a cidade informal relegada dos benefícios equivalentes, e que cresce exponencialmente na ilegalidade urbana que a constitui, exacerbando as diferenças socioambientais.

Dessa forma, não há como negar, o processo de ocupação e do uso do solo afeta diretamente o desenvolvimento sustentável das cidades, e talvez seja a maior dificuldade hoje a ser enfrentada. Em algumas regiões acontece o processo de desertificação e, é possível ver um ecossistema totalmente destruído e ausente de políticas públicas. Que o direito à cidade seja cada vez menos utópico e mais universalizado; conforme Martins (2016 *apud* CARVALHO; DA COSTA, 2019, p. 19), “as cidades devem promover a integração e o bem-estar dos seus habitantes, ela deve constituir-se como um espaço vital, feito pelos seres humanos e para os seres humanos”.

3.4. Ser mínimo ou mínimo Ser

A colônia dos “pequenos” inspira a adoção de um estilo de vida que vem crescendo no mundo inteiro: o minimalismo. Diferente da proposta do filme, não é intuito deste trabalho, por razões óbvias, defender uma redução de tamanho, mas sim, propor um consumo consciente e voltado para preservação do meio ambiente, convergindo para a proposta do minimalismo.

O minimalismo surge como um protesto ao despotismo do consumo (SANTOS, 2006). É um movimento que reconhece que muitas pessoas perderam o controle de suas vidas e que isso gerou uma sociedade egoísta e doente. Os entusiastas do minimalismo não pretendem provocar mudanças estruturais, mas que partam do próprio indivíduo, a começar por um conceito de identificar o essencial e eliminar o resto (BOUTROY, 2020). Ao replicar o modelo minimalista adota-se um estilo de vida em que se escolhe viver em uma simplicidade voluntária, que é conceituada por Lloyd e Pennington (2020, p. 122) como “um estilo de vida que engloba os valores centrais de simplicidade material, autodeterminação, autossuficiência, consciência ecológica, responsabilidade social, espiritualidade e crescimento pessoal”.

Dessa forma, a adoção do estilo de vida minimalismo conjuga um encontro perfeito entre a urgente necessidade que as cidades têm para recuperarem seus ecossistemas e se tornarem sustentáveis. Se a população cresceu e chegou a níveis de consumo capazes de impactar no clima, contribuindo para o acúmulo de mais e mais moléculas de Carbono na atmosfera e para o aumento do efeito estufa, dizimando a diversidade biológica do planeta, é justificável uma proposta que esteja voltada para um estilo de vida mais simples e que desenvolva competências capazes de contribuir para a sustentabilidade do planeta.

Millburn e Nicodemus (s.d.), conhecidos como *The Minimalists*, encontraram a saída para muitos males da vida cotidiana e hoje ajudam milhares de pessoas neste processo através de livros, podcasts, palestras no mundo inteiro. Através de suas experiências pessoais, eles orientam as pessoas a questionarem o que realmente são, o porquê de suas vidas. Desta forma, propõem o consumo do que é essencial, desfazendo-se dos excessos, limpando a desordem do caminho para abrir espaço para viver experiências e não para ter coisas.

De fato, o consumo excessivo tornou-se um hábito que roubou o lugar dos relacionamentos e isso gerou uma sociedade carente de atenção que coisas não foram capazes de suprir. Assim, de um ponto de vista mais filosófico, o minimalismo visa substituir a ideia do ter pelo ser e, nesse processo de substituição, o estado das coisas vai perdendo lugar para a vivência de experiências. Do ponto de vista político, é essencial que o Estado tenha políticas públicas que diminuam as diferenças decorrentes das desigualdades sociais, pois, a acentuada diferença de classes importa à vida comunitária, uma vez que afeta a saúde física e mental das pessoas, desencadeia a violência e retira a coesão da sociedade. Segundo Harvey (2014, p. 134):

O recente ressurgimento da ênfase na suposta perda da comunalidade urbana reflete os impactos aparentemente profundos da recente onda de privatizações, cercamentos, controles espaciais, policiamento e vigilância na qualidade da vida urbana em geral e, em particular, na potencialidade de se criar ou inibir novas formas de relações sociais (novos bens comuns) em um processo urbano influenciado, quando não dominado, por interesses de classe dos capitalistas.

Ou seja, a postura do Estado acaba por potencializar as desigualdades e interferir sobremaneira no desenvolvimento sustentável das cidades. Como pensar em gerações futuras se não se consegue cuidar da presente? O papel do Estado deve começar basicamente com a divulgação de informações e ações de educação ambiental, com uma perspectiva integradora e de conscientização de preservação dos ecossistemas.

Obviamente, o caminho a seguir é longo, uma vez que sempre se depara com conflitos de interesses públicos e privados. Não se restabelece um Estado *a quo* com o ecossistema, depois de tantas negligências. Mas, a saber que com o abandono do “ter” consegue-se frear o individualismo e a ganância, pode-se vislumbrar um processo de recuperação de ecossistemas arruinados, que contribuíram para o aprisionamento do calor na atmosfera, os riscos de uma futura escassez de alimentos e o colapso nos sistemas hídricos.

O conceito de cidades sustentáveis depende do exercício do direito à cidade e da ideia de que cada um exerce o seu papel, como agente modificador, primeiro na relação com o próximo, depois na relação com o ambiente em que se vive. Nesse processo, os adeptos ao minimalismo, que a princípio, se ocupariam com a evolução do próprio ser, passam a ser instrumentos de mudança, contribuindo para o desenvolvimento sustentável das cidades.

Para Jacobi (2013, p. 223), “a noção de sustentabilidade implica uma necessária inter-relação entre justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a necessidade de desenvolvimento” e nessa esteira, acredita-se que o *life style* minimalista tem muito a contribuir para que novos conceitos reconectem a sociedade. Para Park (*apud* HARVEY, 2014, p. 28), a cidade é:

a tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade, o homem recriou a si mesmo.

Assim, não há como negar que o homem é responsável pelo mundo que cria, e essa responsabilidade social não há como transferir a ninguém. Foi assim desde a origem e é assim hoje. A cidade e a forma como ela se desenvolve é só um reflexo daquilo que acontece com os indivíduos que a integra. Talvez, por isso, milhares de pessoas no mundo inteiro já estejam se

conectando com uma proposta de vida minimalista, em que o menos é mais. E quem ganha com isso é, inclusive, o meio.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho realizou uma análise de conteúdo do filme “Pequena Grande Vida” estabelecendo-se interlocuções com referencial bibliográfico contemplando a Agenda 2030, a segregação socioespacial, o direito à cidade, as políticas públicas e o conceito de minimalismo. A obra cinematográfica coloca em evidência as questões sobre a sobrevivência da humanidade na Terra diante da exaustão dos recursos hídricos, da escassez de alimentos e dos importantes efeitos climáticos, especialmente quanto ao aquecimento global.

A narrativa central da trama apoia-se sobre a miniaturização humana, contudo, são fortalecidas questões interpessoais e de relacionamento humano com o ambiente. A partir do filme buscou-se analisar os comportamentos estruturais e individuais da sociedade que possam contribuir para a construção de cidades sustentáveis. Primeiramente, tomou-se como ponto de partida uma ação global, proposta pela Agenda 2030, apoiando-se nos Objetivos para o desenvolvimento sustentável, num movimento que chama a todos para uma atuação conjunta: governo, instituições, cidadãos, vestindo a bandeira do lema “ninguém fica para trás”.

Depois, em um segundo momento, lançou-se um olhar para as cidades e a visível segregação social que ocorre pelas suas formas de ocupação. Os mais afastados das centralidades também estão afastados dos melhores equipamentos urbanos. Deparou-se com o que a literatura chama de racismo ambiental, reiterando-se para essas pessoas a oportunidade de serem vetores da sustentabilidade nas cidades. Sob essa ótica, cabe um papel aos gestores públicos, que é tornar a cidade mais inclusiva e sustentável, sem abismos estruturais.

Por último, realizou-se uma análise que ironiza a proposta de um ser mínimo. Será que é preciso que os indivíduos realmente sejam miniaturizados? É mais tangível minimizar o egocentrismo e amplificar a preocupação com a coletividade. A proposta de um estilo de vida minimalista conduz para esse caminho voluntário de desapego e de conexão com as pessoas. Em que pese não ser um movimento ambientalista, acaba por criar hábitos que se conectam com o meio ambiente, especialmente evitando-se o consumo sem limites e o acúmulo de desperdícios.

Na ficção, o fim do filme aponta como solução a tecnologia da energia geotérmica, de aproveitamento do calor da Terra, para salvar parte da humanidade, contudo, na vida real, conclui-se que toda a busca por conhecimento não servirá de nada para as gerações futuras, se a humanidade não revisar seus hábitos e se posicionar como protagonista na (re)construção de um mundo melhor, prezando-se pela geração de condições de vida inclusivas. Pequenas ações produzem grandes transformações.

5. REFERÊNCIAS

BOUTROY, Eric. Minimalism and lightweight backpacking in France: a material culture of detachment. **Consumption Markets & Culture**, v. 24, n. 4, p. 357-372, 2020. Disponível em: <https://doi-org.ez135.periodicos.capes.gov.br/10.1080/10253866.2020.1806065>. Acesso em: 4 nov. 2021.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.305**, de 02 de agosto de 2010. Política Nacional de Resíduos Sólidos, Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em: 8 jun. 2021.

CARVALHO, Jefferson da Silva; DA COSTA, Aline Couto. Caminhabilidade e acessibilidade para a população idosa: uma análise em Campos dos Goytacazes-RJ. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 9, n. 24, p. 14-30, 2019. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1722/1359. Acesso em: 4 nov. 2021.

CASAGRANDE JÚNIOR, Eloy Fassi. **Inovação Tecnológica e Sustentabilidade: Integrando as partes para proteger o todo**. Disponível em: <https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/pdf/23231.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. 230 p.

GOMES, Yasmin Cruz; SANTANA, Alexandre Machado; VIEIRA, Núbia Santanna; OLIVEIRA, Sergio Rafael Cortes de. As transformações urbanas e os processos de projeto na Arquitetura: uma reflexão sobre o filme “Onde está Segunda?”. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 10, n. 29, p. 73-86, 2020. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/2081. Acesso em: 4 nov. 2021.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução Jeferson Camargo - São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBI, Pedro Roberto. São Paulo metrópole insustentável – como superar esta realidade? **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 219-239, jan/jun, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/15823/11847>. Acesso em: 4 nov. 2021.

LLOYD, Kasey; PENNINGTON, William. Towards a Theory of Minimalism and Wellbeing. **International Journal of Applied Positive Psychology**, v. 5, p. 121-136, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41042-020-00030-y>. Acesso em: 20 maio 2021.

MARTINS, Marcelo Henrique. **O mal-estar na cidade: O sentido da urbanização em bairros periféricos**. Araraquara: Unesp, 2016.

MILLBURN, Joshua Fields; NICODEMUS, Ryan. **The minimalists**. Disponível em: <https://www.theminimalists.com/start/>. Acesso em: 4 jun. 2021.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 17 Objetivos para transformar o nosso mundo. **Pisco de Luz**, s.d. Disponível em: https://www.piscodeluz.org/desenvolvimento-sustentavel?gclid=CjwKCAjw_o-HBhAsEiwANqYhpwcw54XrOG9rM5FnArf-0RLFM3VvUyCYu0Y_EypKCTr47_MCKqcC7xoCA3EQAvD_BwE. Acesso em: 6 jul. 2021.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/agenda2030/undp-br-Agenda2030-completo-pt-br-2016.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: **VI Congresso SOPCOM**. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

“Pequena Grande Vida”. Direção de Alexander Payne. Roteiro de Alexander Payne e Jim Taylor. Amazon Prime, 2017.

PERELMUTER, Guy. **Futuro Presente**. O mundo movido à tecnologia. Jaguaré, SP: Companhia Editora Nacional, 2019. 328 p.

PLATAFORMA AGENDA 2030. **Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/ods/11/>. Acesso em: 24 maio 2021.

REGO, Jaqueline Azevedo de Amorim; NACARATE, João Paulo Melo; PERNA, Luísa Noletto; PINHATE, Tarcísio Barbosa. Cidades Sustentáveis: Lidando com a urbanização de forma ambiental, social e economicamente sustentável. **Simulação das Nações Unidas para Secundaristas**, p. 544-573, 2013. Disponível em: <http://www.sinus.org.br/2013/wp-content/uploads/2013/03/17.-PNUMA-Artigo.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2021.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROSELAND, Mark. Dimensions of the eco-city. **Cities**, v. 14, n. 4, p. 197-202, 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264275197000036>. Acesso em: 6 jul. 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: 13. ed. Record, 2006.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira. Segregação socioespacial: contradições presentes em Palmas/TO. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** (Online), n. 9, p. 124-132, 1 jan. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44767/48397>. Acesso em: 4 nov. 2021.

SILVEIRA, Paolla Clayr de Arruda. **Dimensões da técnica, do espaço urbano e das experiências da vida cotidiana nas grandes cidades:** Encontro entre Georg Simmel e Antoine Picon. HH Magazine: humanidades em rede, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/dimensoes-da-tecnica-do-espaco-urbano-e-das-experiencias-da-vida-cotidiana-nas-grandes-cidades-encontro-entre-georg-simmel-e-antoine-picon/>. Acesso em: 6 jul. 2021.

WWF BRASIL. **O que é desenvolvimento sustentável?** Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/. Acesso em: 26 maio 2021.